

QUE LINGUAGEM É ESSA?

UM ESTUDO DA LINGUAGEM ORAL EM TRÊS DOS PRINCIPAIS TELEJORNALIS BRASILEIROS

Ivete Cardoso do Carmo ROLDÃO
Faculdade de Jornalismo/PUC-Campinas

RESUMO

Este artigo¹ objetiva apresentar, com base no Jornal Nacional, Jornal da Record e Jornal da Cultura, as características da redação utilizada na linguagem oral do telejornalismo. Observa em que proporção as regras, contidas no Manual de Redação da Rede Globo e em outros manuais, são seguidas pelas emissoras de televisão. Expõe como a linguagem oral, utilizada no telejornalismo, mesmo considerando suas regras básicas de redação, apresenta características que definem estilos diferenciados.

Palavras-chave: Linguagem. Linguagem oral. Telejornalismo.

ABSTRACT

The objective of this paper is to identify based on Jornal Nacional, Jornal da Record and Jornal da Cultura the writing characteristics used in the oral language of telejournalism. It observes in what proportions rules, contained in the Writing Manual of Rede Globo and in other ones are followed by telejournalism nowadays. It shows that the oral language used their telejournalism, even considering its basic writing

rules presents some characteristics that define different oral languages styles.

Key-words: *Language. Oral Language. Telejournalism.*

APRESENTAÇÃO

A palavra falada permanece na mente de quem a ouve; mais, ou menos tempo, dependendo da forma como é utilizada na construção do texto. Entretanto, a eficácia e importância dela para o receptor dependem do contexto em que é utilizada. A palavra, em si, precisa ter um significado, um sentido, para quem a recebe, para que haja compreensão da mensagem.

A rotina dos jornalistas de TV, apesar de estar rodeada de imagens e ícones para transmitir melhor os fatos aos telespectadores, tem como base a linguagem verbal, seja na linguagem oral dos apresentadores e repórteres, seja nos caracteres escritos na tela, ou mesmo nas falas e expressões dos entrevistados.

Neste estudo do modelo de redação do telejornalismo brasileiro foram analisados três dos principais telejornais exibidos em horário noturno: o *Jornal Nacional* (Rede Globo), o *Jornal da Record* (Rede Record) e o *Jornal da Cultura* (TV Cultura).

Os três telejornais foram escolhidos para tal análise e comparação pela sua importância no cenário do telejornalismo brasileiro. Ter o *Jornal Nacional* como referencial para este estudo significa que, independente de concordar ou não com a ideologia divulgada por ele, reconhece-se a sua importância; o *Jornal da Record* apresenta uma linha editorial diferenciada e é apresentado pelo jornalista Boris Casoy, considerado por SQUIRRA (1993) o primeiro âncora completo da TV brasileira; o *Jornal da Cultura* é veiculado em uma emissora educativa, considerada um patrimônio público. De acordo com LEAL FILHO (1988), a TV Cultura já nasceu com o objetivo de levar à população uma programação cultural, em que o Estado tenta impor um padrão de televisão considerado “culto”.

A amostra foi composta por seis edições de cada um dos telejornais de uma mesma semana, gravados entre os dias 20 e 25 de novembro de 2000, totalizando 18 telejornais. Após a gravação, foi feita a transcrição, na íntegra, de todas as edições dos três telejornais. Depois, foi feita a seleção e análise das 21 notícias, tendo como critério a repetição delas em todos os telejornais.

Inicialmente, foi feita a análise de cada uma das notícias individualmente, observando o cumprimento de algumas regras selecionadas a partir de um rol de 59 constantes em sete livros e manuais de telejornalismo². O objetivo foi analisar

Que linguagem é essa?

questões como o tamanho dos períodos, a ocorrência de palavras difíceis e técnicas, a ocorrência de palavras e expressões supérfluas, a utilização de apostos que constituem as frases intercaladas, os fatores de coesão x repetição de palavras e a ocorrência de gírias e expressões populares. Em um segundo momento, foi analisada cada regra de forma comparativa.

Foram feitas entrevistas semi-estruturadas com dois profissionais representativos do início do telejornalismo no Brasil e, posteriormente à análise dos telejornais, foram realizadas, ainda, entrevistas com representantes dos três telejornais analisados.

A pesquisa teve como fundamentação teórica os estudos de Sebastião Squirra sobre telejornalismo; a tese de Doutorado de Guilherme Jorge Rezende (1998), a qual apresenta um perfil editorial do telejornalismo brasileiro, e, na área da lingüística, a análise da linguagem oral explorada por um grupo de pesquisadores da USP, entre eles o lingüista Dino Preti, que contribuiu, inclusive, com as discussões sobre a linguagem de televisão.

Neste artigo são destacados os pontos mais importantes resultantes da análise específica da redação dos telejornais, que é o seu ponto principal. Espera-se que as considerações e reflexões apresentadas possam ser importantes não só aos pesquisadores que objetivam discutir o telejornalismo e a linguagem, como também aos alunos de jornalismo e novos jornalistas que pretendam atuar na área.

A REDAÇÃO DOS TELEJORNAIS ANALISADOS

Independente de ser improvisada ou escrita para ser falada, com a rapidez que exige a construção do texto do telejornalismo na prática cotidiana, a lista de regras existentes nos manuais é apenas um parâmetro que deve servir como referência para os profissionais da área.

De acordo com o editor chefe do *Jornal Nacional*,³ William Bonner, o Manual de Redação da Rede Globo está defasado e não é mais utilizado na emissora: “Eu contratei, desde que virei editor-chefe, dois ou três profissionais, um deles da imprensa escrita. Ele nunca leu um manual da Globo.”³

O editor de política do *Jornal da Record*, Luís Padovani, explica que a equipe segue algumas normas empíricas, mas a emissora não tem nada escrito sobre o tema. “As coisas funcionam sem precisar de manual. As pessoas têm um padrão do que é um período curto na cabeça, não precisa de manual... É fluido.”⁴

Na TV Cultura, a prioridade da discussão é no âmbito conceitual sobre qual é o padrão de jornalismo que a emissora transmite ao público: “Antes de a gente se preocupar com a linguagem formal da televisão, a gente está se preocupando com o conceito ético, com o tipo de mensagem que você vai passar para o telespectador”, conforme depoimento de Vicente Adorno.⁵

JORNAL NACIONAL

No *Jornal Nacional*, predominam as reportagens e 88,7% dos períodos apresentados têm até 25 palavras, portanto, são considerados curtos. Nenhum deles tem mais de 40 palavras. No que se refere à utilização de palavras e expressões técnicas ou de difícil compreensão para o público, o *Jornal Nacional* apresenta o menor número de ocorrências. São apenas 19 contra 38 e 39, respectivamente, no *Jornal da Record* e no *Jornal da Cultura*. Quanto aos adjetivos, o *Jornal Nacional* apresenta 11 ocorrências, uma a mais que o jornal da Record.

Ao analisar as frases intercaladas, o telejornal apresenta 17 ocorrências em um total de 309 períodos. O *Jornal Nacional* utiliza, com bastante frequência, o fator de coesão textual chamado ‘elipse’. Foram registradas 30 ocorrências desse recurso contra apenas 16 em que foram utilizados pronomes.

Os verbos no presente do indicativo, juntamente com o futuro composto, conforme orientam os manuais, aparecem em 76,5% das vezes no telejornal da Rede Globo; em apenas 23,5% das vezes foi registrado o futuro do indicativo.

Já em relação à não-utilização dos artigos, tanto no início das notícias, como no corpo do texto, foram registradas poucas ocorrências nos três telejornais. No *Jornal Nacional* foram constatadas dez ocorrências, três a mais que o *Jornal da Cultura* e três a menos que o *Jornal da Record*. Os três praticamente não utilizam gírias e expressões populares e as chamadas muletas de estilo, o que significa que as de conjunções também aparecem com pouca frequência.

Finalmente, as palavras que provocam rimas apareceram poucas vezes nos três telejornais, praticamente com igual frequência. Mesmo assim, é o *Jornal Nacional* que apresenta o menor número de rimas: foram quatro ocorrências contra seis no *Jornal da Record* e no *Jornal da Cultura*.

O *Jornal Nacional* é o telejornal que na maioria das vezes tem o texto mais sucinto e que ao mesmo tempo proporciona maior clareza para os telespectadores, sem entretanto apresentar construções que possam ser consideradas “pobres” do ponto de vista da gramática.

Que linguagem é essa?

JORNAL DA RECORD

O *Jornal da Record* apresenta muitas notas cobertas, portanto, uma grande parcela do telejornal é escrita pelos editores. É o que apresenta o maior número de períodos considerados curtos (de até 25 palavras), constituindo 91,2% do total. Todavia, no manual de redação do *Jornal da Record* não existem números de palavras ou de linhas definidos.

Quanto à utilização de palavras e expressões técnicas e de mais difícil compreensão para o público, o *Jornal da Record* registra apenas uma a menos que o *Jornal da Cultura*. O *Jornal da Record* permite algumas palavras que, teoricamente, não poderia. O uso da palavra “exortou”, por exemplo, encontrada em um texto desse telejornal, não é considerado ‘um crime’ por Luis Padovani. Para ele, o público do telejornal entende o que é “exortou”.

No que se refere aos adjetivos, é o *Jornal da Record* que apresenta o menor número entre os três telejornais, embora registre apenas um a menos que o *Jornal Nacional*. De acordo com Luís Padovani, há uma determinação de que as matérias sejam mais informativas e a opinião seja deixada para o âncora. Também é o *Jornal da Record* que apresenta o menor índice de frases intercaladas: são 15 em um total de 286 períodos. Nesse telejornal há, praticamente, uma equivalência na utilização de pronomes pessoais e do fator de coesão textual chamado “elipse”.

No *Jornal da Record*, o verbo no futuro do indicativo aparece em 25,8% contra 74,2% em que aparece o presente do indicativo juntamente com o futuro composto. É importante salientar que a única vez em que aparece o gerúndio, nos textos analisados, é no *Jornal da Record*, mas, de acordo com Padovani, foi um erro.

O *Jornal da Record* usa com pouca frequência as gírias e, principalmente, as expressões populares. As conjunções, chamadas de muletas de estilo, praticamente não aparecem.

No *Jornal da Record*, a preocupação com o texto é tão grande quanto a preocupação com a imagem, e, mesmo nos casos em que a imagem se destaca, o texto tem que ser sempre bem cuidado. Considerando o seu público alvo, apresenta um texto “bem dosado”.

Para Boris Casoy (apud FLAUSINO, 2000, p.112), a televisão, controlada durante muitos anos, criou padrões que podem e devem ser modificados. Segundo ele, a arte da televisão é contar histórias: “na televisão você é um contador de histórias e precisa repeti-las muitas vezes”.

JORNAL DA CULTURA

O *Jornal da Cultura* apresenta onze notas cobertas contra oito reportagens. É, entre os três telejornais, o que apresenta menos períodos com até 25 palavras, considerados curtos (84,1%).

É no *Jornal da Cultura* que mais se registra, embora com apenas uma vez a mais que o *Jornal da Record*, a utilização de palavras e expressões técnicas e de difícil compreensão. Merece ser citada uma reportagem sobre o então governador Mário Covas, em que a repórter, diversas vezes, usa termos técnicos da medicina. Outro exemplo é uma nota coberta, falando da guerra do Oriente Médio, em que o apresentador faz referência à 'intifada' e não a explica. De acordo com o editor de internacional, Vicente Adorno, nos dois casos foram cometidos erros, mesmo considerando que o público do telejornal sabe o significado dessas palavras.

Ao mesmo tempo, o *Jornal da Cultura* é o que mais usa gírias e, principalmente, expressões populares. A utilização desse recurso foi registrada 30 vezes contra 11 no *Jornal da Record* e oito no *Jornal Nacional*. Uma outra forte característica do *Jornal da Cultura* é a utilização de adjetivos. Nesse telejornal, há uma liberdade para repórteres e editores se expressarem no texto.

O *Jornal da Cultura* é ainda o que apresenta o maior número de frases intercaladas: são 24 em um total de 364 períodos. Também é o telejornal que mais utiliza pronomes pessoais, recorrendo poucas vezes ao fator de coesão textual chamado 'elipse'.

É no *Jornal da Cultura* que o verbo no futuro do indicativo é mais utilizado, quase na mesma proporção que o presente do indicativo, juntamente com o futuro composto, como orientam os manuais (47,4% versus 52,6%).

Já em relação à utilização dos artigos tanto no início das notícias, como no corpo do texto, o *Jornal da Cultura* é o que mais se aproxima do que indica a regra. As conjunções também aparecem com bastante frequência no *Jornal da Cultura*.

Finalmente, no *Jornal da Cultura* incentiva-se muito a utilização de elementos da literatura e provérbios. Mesmo considerando o seu público alvo, é o que apresenta maiores contradições como, excesso na utilização de termos científicos, em alguns casos, e excessivo uso de gírias e expressões populares, em outros.

Que linguagem é essa?

A CONJUNÇÃO DAS REGRAS E A PERCEPÇÃO DA HARMONIA

A linguagem do telejornalismo procura buscar, nas falas cotidianas da população, expressões que dêem ao texto da notícia o caráter de linguagem falada. Entretanto, é inadequado usar, simplesmente, a expressão 'coloquial' para designar o texto que é produzido no telejornalismo. De acordo com William Bönner: "o que nós buscamos é aproximar a nossa linguagem daquela linguagem falada, mais natural possível, no entanto com respeito à norma culta e sem transigir em algumas questões de regência, por exemplo, que seriam recomendadas por quem falasse coloquialmente."

A antiga fórmula, apregoada nos manuais, de que se deve imaginar que está se abrindo a janela de sua casa e contando a última novidade ao vizinho, pode até ser um símbolo, mas está distante de representar a realidade desse tipo de texto jornalístico. Quando alguém abre a janela e começa a contar algo para o outro, não tem preocupação com nada, a não ser contar a novidade.

Por outro lado, conforme Abramo (1997, apud PEREIRA JR., 2000, p.56), na sua atividade diária, o jornalista trabalha com representações ideológicas, **palavras**⁶, informações, dados, opiniões e atitudes que são as que a empresa adota. No telejornalismo, tanto o repórter como o editor, ao pensar em contar a notícia, devem considerar fatores como o tempo que têm para dar aquela notícia, qual é o público para o qual eles se dirigem, levando em conta, conforme explica Luís Padovani, a emissora e telejornal para o qual trabalham: "O Jornal da Record é um jornal mais elitizado. Isso é meio patente já. (...) Tem uma coisa que é difícil de coadunar. Se você faz um jornal de be-a-bá o público que assiste ao Jornal da Record, de política, economia, não vai assistir. É a nossa característica."

Além disso, o repórter já deve pensar qual parte do texto vai transformar em *off* e o que vai estar na passagem. O editor, por sua vez, ao ter em mãos esse material, terá que redigir a chamada, devendo extrair da reportagem o que é principal para atrair o telespectador para a notícia, sem, ao mesmo tempo, tornar o conjunto repetitivo.

Outra questão importante no processo é distinguir em quais partes o texto vai estar se desenrolando com imagem e em quais partes vai estar sozinho. Quando o texto "caminha com a imagem" apresenta características diferenciadas. Deve haver ora uma complementaridade, ora uma concórdância e equilíbrio entre os dois. Para Bonner:

A primeira coisa que nós temos que considerar é que um telejornal é um produto jornalístico de televisão, por isso ele tem que ter o conteúdo de um jornal com as

Ivete Cardoso do Carmo ROLDÃO

notícias, as informações e tem que ter o formato adequado para a televisão. (...) é preciso que a linguagem de um telejornal respeite basicamente a natureza do veículo que está sendo utilizado para a transmissão da informação na televisão.

A notícia, na televisão, é medida em segundos. A reportagem no *Jornal da Record* possui, por exemplo, em média, entre um minuto e 40 segundos e dois minutos, incluindo a cabeça. No *Jornal da Cultura*, embora não se tenha uma determinação quanto a isso, uma matéria com mais de um minuto e meio de VT é considerada longa. No *Jornal Nacional*, as reportagens geralmente não ultrapassam um minuto e meio.

O texto da reportagem tem que estar em sintonia com o que os entrevistados vão falar. O texto que vem antes deve dar o “gancho” para a sonora e o que vem depois, muitas vezes, apóia-se na fala anterior.

Paralelamente, o telejornalismo utiliza-se de palavras e expressões oriundas da especificidade de cada tema ou assunto abordado para dar credibilidade à cobertura jornalística. Nos telejornais analisados, na reportagem sobre o aumento do salário mínimo e do combustível, por exemplo, foram encontrados muitos termos técnicos ligados à economia. Já quando o assunto era a doença do então governador Mário Covas, a tendência foi encontrar muitos termos técnicos ligados à medicina.

No *Jornal da Cultura*, mesmo quando trata de palavras do chamado “economês”, Vicente Adorno avalia que o telespectador entende o que está sendo exposto: “Em geral, a pessoa que está acompanhando o *Jornal da Cultura* já está acostumada com isso e tem nível para isso. Mas é uma coisa que a gente vai tentar, na medida do possível, traduzir cada vez mais em linguagem, não baixa, mas em uma linguagem mais acessível.”

Diante dessa análise, a máxima dos manuais de telejornalismo de que o jornalista de televisão tem que escrever para que todos os telespectadores, independente da formação, entendam a mensagem que está sendo transmitida, não é uma verdade absoluta, pelo menos, em relação ao *Jornal da Record* e ao *Jornal da Cultura*.

Predominam, nos telejornais analisados, as frases curtas porque seguem a tendência da língua falada e as pessoas, mesmo as mais intelectuais, não falam frases longas a não ser em discursos formais que, muitas vezes, foram com antecedência e equivocadamente preparados, pensando-se na escrita, não na oralidade. As pessoas não se expressam com frases longas, porque são difíceis de serem ouvidas. Portanto, se a frase é para ser falada, não importa se será dirigida, no caso da televisão, a um analfabeto ou a um pesquisador: deve ser curta.

Que linguagem é essa?

No caso do *Jornal Nacional*, existe uma diferença na construção do texto, quando a reportagem é de atualidade - um fenômeno em curso, no Brasil, nos dias anteriores, naquele dia e que será assunto ainda nos dias seguintes - e quando a reportagem é factual, como explica William Bonner:

Nos textos de atualidade, tanto o texto do repórter quanto a cabeça lida pelo apresentador vão poder ser um pouco mais dissertativos, um pouco menos enxutos isso é natural. Tanto é que essas reportagens só entram em geral quando o jornal tem tempo disponível. Caso contrário o JN tem que obedecer à vocação original dele, um jornal eminentemente factual. O espaço para a atualidade, quando temos, o espaço leia-se tempo, aí o repórter e o editor terão mais tempo para desenvolver o texto.

Escrever de modo simples e ao mesmo tempo inteligente é muito difícil. Assim, o poder de síntese é um dos atributos mais importantes para o jornalista de televisão. Para isso, a coesão textual é o principal recurso a ser utilizado.

Mas o texto do telejornalismo não sobrevive apenas de frases curtas, ou seja, uma regra não funciona de forma estanque. É preciso garantir uma conjugação das regras de um lado e a percepção da harmonia do texto, de outro. Por exemplo, não adianta construir um texto telegráfico com frases curtas se, nessas frases, estiverem contidas palavras técnicas e difíceis que, dentro do contexto, não consigam se fazer entender.

Outra questão que se observa é o uso de analogias, palavras bonitas, o chamado texto 'floreado'. A utilização de qualquer um desses recursos deve ser na medida exata, para que o texto seja falado com naturalidade e clareza. Além disso, a utilização desses recursos ou de qualquer adjetivo deve ser consciente, porque eles, via de regra, implicam a imposição de uma opinião, um 'juízo de valor' sobre determinado fato ou pessoa.

De certa forma, não adianta ter a preocupação de não colocar termos técnicos ou adjetivos e escrever frases muito longas. As frases intercaladas, por exemplo, podem estar no texto do telejornalismo desde que não ocorram excessivamente e desde que o seu tamanho, mesmo intercaladas, não prejudique a compreensão da mensagem.

Uma questão interessante é que não usar o artigo no texto do telejornalismo pode ser uma questão de estilo, como é o caso do *Jornal da Record*, que começa, algumas vezes, a cabeça da reportagem com uma chamada. Em outros casos, os telejornais não usam o artigo para dar mais sonoridade ao texto. Eles também podem ser deixados de lado, no início ou no meio do texto, para dar sentido de alguns e não de todos.

Ivete Cardoso do Carmo ROLDÃO

É possível assinalar também que nem sempre a rima é negativa por apresentar um problema de sonoridade na linguagem do telejornalismo. Em alguns casos, pode ser, até, intencionalmente, um recurso para reafirmar a informação ou opinião.

O telejornalismo trabalha com a linguagem falada, o texto escrito para ser falado e também com imagens. Dessa forma, pode recorrer à metáfora, utilizando-se sempre o bom senso diante de cada situação.

Outro detalhe importante a ser observado é que, quando se fala na televisão, além do texto, o profissional expressa-se também com a entonação e com a expressão facial, porém, isso, em momento algum, pode confundir o apresentador ou o repórter com o ator, afirma o editor chefe apresentador do *Jornal Nacional*:

nós apostamos que quanto mais naturalmente nos dirigirmos para o público, melhor seremos recebidos. E para isso nós temos que buscar falar naturalmente. Isso nos diferencia dos atores que interpretam textos dramaturgicos e dos políticos que fazem discursos. Isso nos bota no meio do caminho em que há, sim, alguma interpretação, ela obedece a uma faixa muito estreita em que trabalhamos na interpretação, sem exageros, sem arroubos...

O repórter narra uma história que está acontecendo ou acabou de acontecer, a qual pode até ser, de certa forma reproduzida, mas é uma versão do real, diferente do que faz o ator.

Existe, inclusive, uma discussão se o texto do *off* deve ser escrito na rua ou na redação. Não há uma regra fixa, pois cada emissora tem a sua própria rotina de trabalho. Todavia, muitos repórteres preferem escrever na redação, porque lá pode-se manter um maior padrão de qualidade. Além disso, o texto do *off*, escrito na rua, sempre corre o risco de ter emoção em excesso, a qual pode distorcer a versão do repórter sobre o fato.

Por mais que existam regras gerais em cada emissora, existe o que se pode chamar de 'liberdade lingüística assistida' do repórter, ou seja, o repórter exercita sua liberdade dentro do que ele sabe que é permitido pela emissora ou pela direção do telejornal. No caso da TV Cultura, por exemplo, conforme salienta o chefe de redação:

É uma liberdade ditada pelo bom senso. ... Inclusive, a idéia de jornalismo público eu acho que é muito democrática porque ninguém chega para você e fala: 'jornalismo público' ...e começa a deitar a falação. Nós estamos tentando descobrir o que é. Vale muito mais a prática que a gramática. Às vezes quando a gente consegue acertar isso a gente fala: 'é isso aí, a gente deve fazer desse jeito'."

Que linguagem é essa?

Também na TV Globo, de acordo com Bonner, procura-se respeitar o estilo dos repórteres:

...o repórter tem respeitado o seu estilo. Eu cito como exemplo mais eloquente a repórter Zileide Silva, que costuma introduzir qualquer nome próprio por um artigo definido. Ela diz: “o seu João”, “a dona Maria comprou um carro”, ... Na voz de quem parece natural utilizar um artigo antes de um nome, e isso é muito próximo do coloquial, será permitido.

É preciso deixar claro que o repórter, na prática, por mais que seja proclamada a objetividade ao noticiar um fato, se necessário, subjetiva, comenta e interpreta, seja por adjetivos ou chamadas “expressões floreadas”, como comenta William Bonner: “O texto do repórter, com muita frequência, terá uma tendência a ser testemunhal, ele foi deslocado a um determinado local para cobrir o assunto. O editor está na redoma da redação mais friamente distante daquilo que se deu na rua.”

O texto recebe interferência de diversos fatores extralingüísticos. O tema da reportagem, acompanhado pelo local do acontecimento, gera uma série de variantes como se determinado tipo de palavras difíceis e técnicas é usado em maior ou menor grau, já observado.

Outro fator importante são as características do repórter que está produzindo a reportagem. Se é do estilo do repórter falar mais expressões populares, serão constatadas com maior intensidade no texto; se o repórter consegue pôr em prática o chamado “poder de síntese”, ele terá um texto mais objetivo; ou ainda, quando é um repórter que possui um texto mais rebuscado, conforme explica o chefe de redação da TV Cultura: “cada pessoa tem um jeito. Você pode ter um tremendo repórter, capaz de entrevistar um marciano, mas se você falar para ele fazer um texto literário ele não vai fazer. Ele pode ser objetivo e faz muito bem do jeito que faz. Não se pode tolher essa coisa que ele tem de ser objetivo.”

O editor-chefe e apresentador do Jornal Nacional também opina sobre como os diferentes estilos dos repórteres influenciam o texto; “Um repórter como Marcelo Canellas que, de todos os repórteres da Globo, é o mais privilegiado em recursos de texto, ele tem respeitado o estilo dele. (...) Outros repórteres sem tantos recursos estilísticos de texto têm o seu talento reconhecido como técnica de jornalismo.”

É necessário observar, também, a linha da emissora ou do telejornal em que a notícia está sendo apresentada. Até que ponto se é mais rigoroso com o padrão textual, ou se dá mais liberdade para os profissionais, como foi constatado no *Jornal Nacional*, no *Jornal da Record* e no *Jornal da Cultura*.

Ivete Cardoso do Carmo ROLDÃO

Fica evidente que nem todas as regras devem ser seguidas “ao pé da letra”, como se diria no estilo coloquial. SQUIRRA (1990, p.68) já mostrou que, naquele período, algumas regras não eram definitivas: “O que se pode perceber é que isso tem acontecido numa procura de não rotinizar a redação e de diversificar criativamente a apresentação das notícias...”

Como pôde ser observado, cada telejornal tem seu estilo. E, mesmo dentro dos telejornais, existem características que diferenciam os textos dos repórteres e dos editores, já que, mesmo no telejornal, em que há um controle maior da edição da reportagem, procura-se manter o estilo do repórter, como é o caso do *Jornal Nacional* e do *Jornal da Record*. A respeito de como os editores escrevem o texto que o apresentador(a) vai ler (falar), torna-se necessária uma maior padronização, mesmo no telejornal que dá maior liberdade aos seus profissionais, como o *Jornal da Cultura*.

Fica evidente a necessidade do equilíbrio e da conjunção de algumas regras no texto, o que se torna possível com a compreensão do porquê de cada uma delas. E mais que isso, ter consciência de por que e com quais objetivos está se escrevendo tal texto. Concorda-se com Pereira JR. (2000, p.57), quando afirma que:

No dia-a-dia de sua atividade, o jornalista é servido pela língua, códigos e regras do campo das linguagens. Na elaboração de seu texto, ele vai usar procedimentos de seleção e combinação, mediante unidades que, articuladas, vão se transformar em mensagens, ou, de um modo mais abrangente, em discursos sociais.

Além disso, é necessário também refletir sobre esse seu saber; pois, se nenhum trabalho deve ser feito de forma alienada, muito menos o daqueles profissionais que trabalham com a palavra na transmissão das notícias para o público. Como afirma BACCEGA (1995, p.10): “A opção por um ou outro modo de ver e, portanto, por uma ou outra palavra revela que cada indivíduo/sujeito se insere num determinado sistema de valores, a partir do qual levará o mundo, praticará ações, fará ciência.” Portanto, o jornalista de televisão precisa dominar essas técnicas para saber usá-las com o bom senso e a consciência exigida.

NOTAS

- ⁽¹⁾ Este artigo foi produzido com base em uma parte dos resultados da pesquisa que resultou na tese de doutorado desta autora, intitulada *A linguagem Oral no telejornalismo brasileiro*, defendida em fevereiro de 2003, junto à Eca-Escola de Comunicações e Artes, da USP - Universidade de São Paulo.
- ⁽²⁾ *Jornalismo Audiovisual*, de Walter Sampaio (1971); *Jornalismo na TV*, de Gontijo Teodoro (1980); *Manual de Telejornalismo da Central Globo de Jornalismo* (1985); *O texto na TV: Manual de Telejornalismo*, de Vera Íris Paternostro (1987); *Aprender Telejornalismo – Produção e técnica*, de Sebastião Squirra (1990); *Ponto Eletrônico*, de Flávio Prado (1996); *Manual de redação da TV Cultura* (1997)

Que linguagem é essa?

- ⁽³⁾ Todos os depoimentos de William Bonner foram dados em entrevista à autora, Rio de Janeiro, outubro de 2002.
- ⁽⁴⁾ Todos os depoimentos de Luís Padovani foram dados em entrevista à autora, São Paulo, setembro de 2002.
- ⁽⁵⁾ Todos os depoimentos de Vicente Adorno foram dados em entrevista à autora, São Paulo, setembro de 2002.
- ⁽⁶⁾ Grifo meu.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BACCEGA, Maria A. *Palavra e Discurso-História e Literatura*. São Paulo: Ática, 1995.
- FLAUSINO, Cristina V. *Jornal da Record: uma grife*, in LOPES, Dirceu F. et al. (org.) *Edição em Jornalismo Eletrônico*. ECA/USP, São Paulo: EDICON, 2000.
- LEAL FILHO, Laurindo. *Atrás das Câmeras – relações entre cultura, Estado e Televisão*. São Paulo: Summus, 1988.
- PEREIRA JR., Alfredo E. V.. *Decidindo o que é notícia*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000.
- PRETI, Dino. *A linguagem da TV: O impasse entre o falado e o escrito*, in NOVAES, Adauto (org.), *Rede Imaginária: Televisão e Democracia*. São Paulo: Cia. Das Letras/ Secretaria Municipal de Cultura, 1992.
- _____. *A propósito do conceito de discurso urbano oral culto: A língua e as transformações sociais*, in PRETI, Dino (org.), *O discurso oral culto*. São Paulo: Humanitas Publicações FFLCH/USP, 1997.
- REZENDE, Guilherme Jorge. *Perfil editorial do telejornalismo brasileiro*. Tese de Doutorado. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 1998.
- SQUIRRA, Sebastião. *Aprender Telejornalismo - Produção e Técnica*. São Paulo: Brasiliense, 1990.
- _____. *Boris Casoy - O âncora no Telejornalismo brasileiro*. Petrópolis-RJ: Vozes, 1993.
- _____. *Leitura de Imagens* in FERNANDES LOPES, Dirceu & TRIVINHO, Eugênio (orgs.) *Sociedade, Mediática: Significação, mediações e exclusão*. Santos-SP: Universitária Leopoldianum, 2000.